

# SOCIALIZAÇÃO E APRENDIZAGEM COOPERATIVA E SOLIDÁRIA NO PROJETO ESCOLINHA DO PRECE<sup>1</sup>

Janderson da Silva Freitas<sup>2</sup>

## Resumo

Esta pesquisa propõe-se a observar, compreender e analisar a forma como os processos de socialização manifestam-se em dinâmicas utilizando o método didático-pedagógico da Aprendizagem Cooperativa e Solidária, no projeto Escolinha do PRECE, refletindo sobre o papel da aplicação do método na socialização dos integrantes. A iniciativa é realizada na EEEP Alan Pinho Tabosa e comunidade do Cipó, no município de Pentecoste, Ceará. Referente à metodologia, optou-se por uma abordagem qualitativa, utilizando o estudo de caso como escolha metodológica. Nesse contexto, a coleta de dados foi fundamentada em fontes primárias, por meio de entrevistas estruturadas com dois facilitadores e dois estudantes, complementadas por fontes secundárias, que serviram de referencial teórico nos estudos. Assim, a pesquisa assume um caráter investigativo e descritivo, permitindo questionamentos do fenômeno estudado. No que tange aos principais resultados, destacam-se que o método cooperativo estimula a autopercepção entre professores e estudantes de que todos são responsáveis pela construção do conhecimento, a medida que desincentiva comportamentos baseados em egoísmo, desrespeito, competitividade, violência, oferecendo, em contrapartida, a promoção de relações empáticas, gestão de conflitos, enquanto habilidades socioemocionais imprescindíveis para mentes equilibradas em meio ao dinamismo social. Portanto, ressalta-se os processos de socialização, em contexto educacional, como atuantes no desenvolvimento do ensino–aprendizagem e fortalecimento de atribuições sociais e cognitivas. Contudo, referente às contribuições teóricas e práticas, tanto avança nos conhecimentos dessas temáticas e conceitos, quanto demonstra suas potencialidades no que tange à tomada de decisão por parte de corpo docente e gestor escolar para a aplicabilidade do método cooperativo, no ensino formal e informal.

**Palavras-chave:** Socialização. Aprendizagem Cooperativa. Aprendizagem Cooperativa e Solidária. Escolinha do PRECE. Educação.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao Curso de Licenciatura em Sociologia, vinculado ao Instituto de Humanidades (IH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Sociologia, sob orientação da professora Dr<sup>a</sup> Joana Röwer.

<sup>2</sup> Autor. Bacharel em Humanidades e Licenciando em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

## **Abstract**

This research aims to observe, understand and analyze how the Socialization processes manifest themselves in dynamics using the didactic-pedagogical method of Cooperative and Solidarity Learning, in the Escolinha do PRECE project, reflecting on the role of the application of the method in the socialization of the members. The initiative is carried out at EEEP Alan Pinho Tabosa and the Cipó community, in the municipality of Pentecoste, Ceará. Regarding the methodology, a qualitative approach was chosen, using the case study as the methodological choice. In this context, data collection was based on primary sources, through structured interviews with two facilitators and two students, complemented by secondary sources, which served as a theoretical reference in the studies. Thus, the research assumes an investigative, exploratory and descriptive character, allowing questions about the phenomenon studied. Regarding the main results, it is worth highlighting that the cooperative method stimulates self-perception among teachers and students that everyone is responsible for the construction of knowledge, as well as discouraging behaviors based on selfishness, disrespect, competitiveness, and violence, offering, in return, the promotion of empathetic relationships and conflict management, as essential socio-emotional skills for balanced minds amid social dynamism. Therefore, the processes of Socialization, in an educational context, are highlighted as active in the development of teaching-learning and strengthening of social and cognitive attributions. However, regarding theoretical and practical contributions, it both advances knowledge of these themes and concepts and demonstrates its potential in terms of decision-making by teaching staff and managers for the applicability of the cooperative method, in formal and informal education.

**Keywords:** Socialization. Cooperative Learning. Cooperative and Solidarity Learning. Escolinha do PRECE. Education.

## **1. Introdução**

Tradicionalmente, nos modelos convencionais de educação, a escola espera que os professores/educadores assumam um papel central de ensino-aprendizagem, lecionando com aulas prioritariamente expositivas, onde o locutor fala e os interlocutores escutam e anotam, agindo de forma indiferente, gerando um ambiente conflituoso, de desestímulo entre alunos que não conseguem acompanhar e desmotivação por parte dos docentes que não veem saída no horizonte próximo. Dessa forma, ao intencionar mudanças positivas significativas no cenário, o método didático Aprendizagem Cooperativa e Solidária (ACS) surge e apresenta-se como formador dos processos de socialização das juventudes envolvidas.

Como mencionado por Silva e Timbó (2017, citando Durkheim, 2011, p. 54), ao referirem-se sobre esses processos didáticos ativos, evidenciam a “formação do caráter social, constituído pela educação através da chamada socialização metódica que seria a junção do ser individual com o ser social”, demonstrando a relação direta das temáticas. Ainda a respeito das interações socializadoras, para Borsa (2007), envolve “(...) valores, normas, costumes, atribuição de papéis, ensino da linguagem, habilidades e conteúdos escolares, bem como tudo aquilo que cada grupo social foi acumulando ao longo da história...”

Posto isso, a metodologia sistematizada pelos irmãos norte-americanos Johnson e Johnson, influenciada pelas vivências e estudos de Paulo Freire, é considerada “(...) um método de ensino que consiste na utilização de pequenos grupos de tal modo que os alunos trabalhem em conjunto para maximizarem a sua própria aprendizagem e a dos outros colegas” (LOPES; SILVA, 2009, p.3). Lopes (2006, p.15-16, citado por Custódio, 2021) acrescenta que:

O estudo e o agir em células privilegiam a construção do saber de modo interativo, coletivo e cooperativo, por intermédio do compartilhamento de conhecimentos entre estudantes, proporcionando ao grupo a aquisição da autonomia intelectual, através de uma formação reflexiva e questionadora, produzindo, deste modo, uma consciência político-social indispensável na construção de homens e mulheres capazes de tomar decisões baseadas em suas próprias conclusões.

Nesse sentido, o presente estudo, tem como questão-problema: “De que forma os processos de socialização manifestam-se em dinâmicas utilizando o método da Aprendizagem Cooperativa e Solidária, no projeto Escolinha do PRECE?”. Para isso, objetiva-se observar, compreender e analisar a forma como os processos de socialização manifestam-se em dinâmicas utilizando o método da Aprendizagem Cooperativa e Solidária.

Apesar do trabalho focar em uma realidade local, na EEEP Alan Pinho Tabosa e comunidade do Cipó, no município de Pentecoste, Ceará, responder às finalidades podem ajudar a refletir sobre o papel da educação na promoção de cidadãos conscientes e críticos, além de profissionais capacitados para atuar em suas respectivas realidades, sob os fatos socialmente construídos e, se necessário, superá-los. Freire (2000, p. 67) compreende que “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”, reforçando a importância da visão crítica sobre as estratégias educacionais.

O interesse em realizar a pesquisa surgiu, inicialmente, mediante às minhas próprias experiências com o método didático-pedagógico e sua contribuição no desenvolvimento cognitivo, reflexivo, solidário... advindo do Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE), seja como estudante do protótipo, em 2011, que daria origem ao Escolinha do PRECE, futuramente, como aluno na Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Alan Pinho Tabosa, entre 2012 e 2014, ou mesmo atuante na Escola Popular Cooperativa de Pentecoste (EPC-Pe), entre 2014 e 2015, e facilitador no Projeto Estudante Cooperativo (PEC), nome anterior ao atual, entre 2015 e 2016.

Torna-se oportuno destacar que a pesquisa pode oferecer contribuições teóricas e práticas, tal como a compreensão e aprofundamento dos conceitos de socialização em contexto educacional, da metodologia pedagógica Aprendizagem Cooperativa e Solidária e suas relações de causa e efeito no objeto de análise Escolinha do PRECE.

Além disso, percebe-se, também, um potencial quanto à educação de jovens, por meio de procedimentos implementáveis na rotina escolar, através de escolhas de gestores e professores de instituições formais e informais de ensino, na aplicabilidade de abordagens ativas/cooperativas em diferentes cenários, buscando melhoria nas interações sociais e efetividade nas metas desejadas.

O curso de Licenciatura em Sociologia, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, ao introduzir sobre o perfil do egresso, comenta que:

Também está em consonância com a Resolução CNE/CP/MEC Nº 2/2015, que afirmou a concepção de educação como processo emancipatório e permanente e o reconhecimento da especificidade do trabalho docente, que conduz à práxis como expressão da articulação entre teoria e prática... destaca a importância de considerar, nos processos formativos e na própria atuação profissional, a realidade dos ambientes das instituições educativas da educação básica e em outros espaços educacionais, possibilitando as condições para o exercício do pensamento crítico, a resolução de problemas, o trabalho coletivo e interdisciplinar, a criatividade, a inovação, liderança.

Por conseguinte, o artigo visa acrescentar na capacitação de profissionais mais holísticos para com suas áreas de atuação, colaborando na produção de conhecimentos para um uso mais reflexivo acerca das práticas didáticas.

Quanto a metodologia, optou-se por uma abordagem qualitativa, utilizando o estudo de caso como estratégia metodológica. Essa escolha revela-se eficaz para

aprofundar a compreensão das dinâmicas sociais relacionadas ao projeto em análise, além de captar as percepções dos participantes envolvidos. Nesse contexto, a coleta de dados foi fundamentada em fontes primárias, por meio de uma pesquisa de campo que incluiu entrevistas estruturadas com quatro indivíduos, complementadas por fontes secundárias, que serviram de referencial para ideias apresentadas. Assim, a pesquisa assume um caráter investigativo e descritivo, permitindo questionamentos abrangentes do fenômeno estudado.

Por fim, o presente texto encontra-se estruturado em cinco partes, as quais a primeira é esta, onde aborda a problemática explorada; a segunda discute os referenciais teóricos como embasamento das propostas aqui destacadas, subdividida em dois aspectos, o primeiro intitulado, “Aprendizagem Cooperativa e Solidária: definição e principais características”, e o segundo, de “Socialização: compreensões do conceito de socialização na relação com a escola, a partir da sociologia”; a terceira apresenta a metodologia empregada para alcançar as respostas; a quarta evidencia os resultados, advindos da análise dos dados coletados, por intermédio das entrevistas; e quinta, as considerações finais.

## **2. Discussões Teóricas**

### **2.1. Aprendizagem Cooperativa e Solidária: definição e principais características.**

Nos modelos de ensino convencionais, nos quais a escola foca mais em resultados numéricos, e menos em construir capital social, onde as relações entre professores e alunos são protocolares e isoladas, criam-se ambientes de frequente egoísmo, competição e, conseqüentemente, baixa autoestima e desmotivação. Diante desse quadro, o método da Aprendizagem Cooperativa e Solidária é vista como uma alternativa a esse modelo, uma vez que estimula e fomenta indivíduos mais autônomos, proativos, empáticos e, por conseguinte, assumindo um caráter de protagonismo nas atividades diárias da vida.

Acerca do que se entende sobre trabalhos em grupos, torna-se natural o surgimento de questionamentos quanto a relação entre a aprendizagem cooperativa e colaborativa, a princípio podendo ser encaradas como sinônimos. Sobre isso, Cunha e Uva (2016, p. 136) entendem que a “colaborativa surge como consequência

de princípios sociais cada vez mais discutidos, abrindo um novo espaço para a aprendizagem cooperativa estimulando nos indivíduos valores sociais para com o outro”.

Diferentemente do colaborativo, mais descentralizado e com funções individuais e coletivas não tão bem estabelecidas, a proposta cooperativa é mais direcionada e cada um dos estudantes de seu grupo, independente de seus níveis de aprendizado, capacidades e condições econômicas, têm a percepção de que são agentes ativos, e não passivos, no processo de aprendizagem.

Com isso, pode-se afirmar que a Aprendizagem Cooperativa e Solidária é uma visão estratégica de ensino e aprendizagem, onde os estudantes são orientados pelo educador/facilitador a formarem grupos e cumprirem funções individuais e coletivas para a efetivação de um ou mais objetivos em comum, iniciando em contextos educacionais e funcionando como formador para a vida como um todo, ultrapassando os muros visíveis e invisíveis da escola. Matos (2018, p. 53, ao citar John Dewey, 1938) refere-se:

A escola como um meio de transformação social, pois deve ser o ambiente onde a criança tem a oportunidade de vivenciar experiências concretas da vida com as matérias de estudo, podendo desenvolver projetos de forma autônoma de acordo com seus interesses, com a mediação do professor, o qual deve estar atento para estes interesses de modo a saber em que momento ou em que situação poderá apresentar as matérias para os alunos experienciarem.

A mesma aponta para o papel da escola, desde a infância, enquanto promotora e potencializadora de contextos cooperativos, pois atua no desenvolvimento cognitivo e social, podendo criar cidadãos ativos em suas comunidades e instituições educacionais. Também destaca a importância do professor como mediador, desde a proposição inicial à conclusão das metas individuais e coletivas, facilitando a aquisição de novos conhecimentos.

Para que essa proposta didático pedagógica ocorra eficientemente, de acordo com Johnson, Johnson e Holubec (1993, citados por Cunha e Uva, 2016), propõem cinco elementos imprescindíveis. Sendo eles: interdependência positiva; responsabilidade individual e de grupo; interação estimuladora / promotora, preferencialmente face a face; competências / habilidades sociais; e processo de avaliação de grupo / processamento de grupo.

A interdependência positiva ativa o sentimento de dependência mútua entre os membros do grupo, visto “(...) que o seu sucesso é o sucesso de todos, bem como o fracasso”, como disse Fontes e Freixo (2004). Através disso, aprendem e compartilham o que aprenderam, aumentando a motivação e acentuando seus esforços, maximizando os resultados.

A premissa da responsabilidade individual e grupal vai ao encontro do comprometimento com as próprias funções e dos demais estudantes para com as metas da célula de aprendizagem. Em Princípios da Aprendizagem Cooperativa (ed.2022.1), a obra conta que:

Apesar das tarefas individualizadas é necessário sempre lembrar que é um trabalho conjunto, portanto, cada membro deve perceber o efeito de suas ações no desenvolvimento e aprendizagem do grupo e buscar uma conduta baseada na autonomia, na liderança e no protagonismo

Quanto a interação estimuladora / promotora, preferencialmente face a face, envolve capacidades comunicativas, colaborativas e *feedbacks* e, portanto, “surge como forma de efetivar as relações que surgem da Interdependência positiva e resulta nas possibilidades que permitem o trabalho em conjunto dos alunos”, como proferiram Lopes e Silva (2009, citados por Cunha e Uva, 2016).

Ao mencionar sobre as habilidades / competências sociais, é evidenciado que elas promovem, desde aptidões individuais, como “saber ouvir, falar, compartilhar ideias, criticar ideias e não as pessoas”, como entende Matos (2018, p. 56), à coletivas, incluindo um conjunto de habilidades de gerenciamento de equipe, direcionadas ao cumprimento de normas de comportamento, no próprio e para com cada equipe na sala, focando na eficácia dos trabalhos e na manutenção das relações positivas entre os estudantes e os educadores.

Para melhores análises sobre todas as dinâmicas, bem como as metas estipuladas e concluídas, ou não concluídas, faz-se necessário a efetivação de processos avaliativos de grupo / processamento de grupo produtivas, portanto, reflexivas e avaliativas. Segundo a Secretaria da Educação do Ceará (SEDUC-CE), “é uma avaliação feita ao final da atividade, que busca discutir os problemas, celebrar os resultados dentre outras coisas”. Um dos coordenadores do movimento de aprendizagem cooperativa no Ceará, Manoel Andrade (2020), aponta para a importância da nomeada “metacognição”, da qual é a “(...) capacidade de refletir sobre

como o grupo está trabalhando e como podem melhorar”, evidenciando o estabelecimento de relações de causa e efeito.

Paulo Freire (1996) ressalta que ensinar não se trata de transferir conhecimentos, mas criar cenários que a possibilitem. Para tanto, na proposta de ensino – aprendizagem baseada na Aprendizagem Cooperativa e Solidária, busca ressignificar o sentido do tipo de educador acima mencionado, o tratando como facilitador / mediador, a medida que atua como gestor do todo, incentivando o sentimento de autodescoberta e desenvolvimento de competências socioemocionais em seus estudantes, facilitando e conduzindo o aprimoramento cognitivo e intelectual.

Em suma, a Aprendizagem Cooperativa e Solidária é um método pedagógico que visa, através de técnicas baseadas na reunião de estudantes em equipes, distribuir funções entre os participantes para que cumpram objetivos em comum, propondo e estimulando, como exemplo, o diálogo produtivo e participativo e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, para formar jovens mais motivados, críticos, criativos, conscientes e solidários.

## **2.2. Socialização: compreensões do conceito de socialização na relação com a escola, a partir da sociologia.**

Ao longo da história, os sociólogos, mediante método científico, buscam compreender com maior totalidade a coletividade social, manifestada em micro e macro sistemas sociais, e sua relação com e entre os indivíduos, marcada por suas dinâmicas próprias em diferentes épocas, visando problematizar, prever suas possíveis consequências e criar hipóteses e reflexões para que se construam caminhos para o desenvolvimento de uma consciência da realidade.

Nesse contexto, é possível notar, enquanto objetos de estudos epistemológicos, uma interação direta entre o processo de socialização e a educação, enquanto importantes na definição de identidades e papéis sociais, bem como na intermediação de produtividade e da manutenção das relações apreendidas na convivência com o meio. Ao proferir sobre o conceito de socialização, Bodart (2019) entende que:

Na sociologia, socialização é o processo pelo qual as pessoas adquirem os valores, crenças e habilidades necessárias para serem membros ativos e

funcionais de uma sociedade. Isso inclui aprender as normas e expectativas da sociedade, desenvolver habilidades sociais e aprender a se comportar de maneira apropriada em diferentes situações.

Assim, compreende-se que os indivíduos internalizam e compartilham esse coletivo ao longo da vida, de maneira contínua, desenvolvendo novos dilemas, formando rupturas, evidenciando camadas, por vezes desiguais, através, em parte, da “variedade de experiências que as pessoas encontram em famílias, escolas, ocupações e comunidades. [...] a medida em que respondem de várias maneiras às pressões e influências sociais.”, como ressaltou Johnson (1997).

Ao comentar sobre o elo decisivo da escola e da família na diferenciação da representação da condição social de ser criança, na sociedade pré-industrial e moderna, Miranda (1989, p. 126) salienta que “Logo que este desenvolvimento físico fosse assegurado, a criança passava a conviver diretamente com os adultos, compartilhando trabalhos e dos jogos, em todos os momentos”, centralizando os ensinamentos de valores e costumes aos mais velhos durante o convívio. Percebe-se que a socialização acontecia neste momento, mesmo entre condições sociais e individuais distintas.

Por conseguinte, “na família moderna, que se estabeleceu na burguesia a partir do século XVIII [...] Sua consolidação aconteceu graças à destruição das formas tradicionais, reorganizando-se em função das necessidades de ordem capitalista”, à medida que a escola assumia a função de ensino-aprendizagem. Portanto, segundo Bodart (2019, ao citar Durkheim, 2002), “podemos afirmar que: 1. O indivíduo insere-se na sociedade por meio dos grupos sociais e; 2. O processo de socialização pode variar de acordo com o ambiente ou o tempo”.

Embora a socialização seja um processo eminentemente social, a qual as pessoas assimilam realidades de grupos, com sentimentos, valores e normas existentes, “vimos a compreendê-los como uma realidade que aceitamos como natural, que simplesmente é o que parece ser”, como afirmou Johnson (1997), não encarando a prática do conceito como algo “bom” ou “ruim”, de forma atemporal e estática, mas em movimento e necessário ao alimentar um tipo ideal de humano desejado para o funcionamento da coletividade.

Tendo em vista a complexidade do processo, concretizado pela ação protagonizada pela educação, Weiss e Soares (2021, citando Durkheim, 2013)

ressaltam a socialização como podendo ser categorizada de duas formas: a primária e a secundária. Sobre a primeira, destacam:

que acontece durante a infância, iniciamos a internalização do mundo social e passamos a perceber suas normas e costumes. Ainda, é na socialização primária que começamos a ter contato com os primeiros indivíduos, já socializados, que acabam transmitindo sua realidade e sua visão de mundo, conduzindo a nossa identificação no espaço social.

Nessa fase, variando de acordo com o ambiente, de modo que os marcadores sociais se apresentam, a criança pouco questiona ou avalia a veracidade do que está aprendendo, como quando na família, ou até mesmo na escola maternal, é interiorizado o próprio idioma e determinados comportamentos regionais. Através da socialização primária, essencialmente familiar, a sociedade começa a ser absorvida e os filhos e alunos começam a construir uma consciência social como parte da própria. Quanto a secundária:

entendemos que a criança se encontra em parte socializada, no entanto, este segundo tipo de socialização mantém-se ao longo da vida e corresponde ao processo de inserção e envolvimento dos indivíduos em diferentes grupos e esferas sociais, incluindo aqui os diferentes níveis escolares. [...] Dessa forma, a cada relação ou conexão que estabelecemos com um novo grupo passamos a ser socializado por ele.

É perceptível, nessa forma, que é um processo que reafirma a compreensão das regras básicas de comportamento, assimilando valores, reproduzindo-os e se recriando, uma vez que os indivíduos frequentam espaços sociais, desde a escola à demais ambientes coletivos, como projetos culturais, instituições políticas, religiosas, universos profissionais, grupos de afinidade, etc. Para tanto, a educação “é antes de tudo o meio pelo qual a sociedade renova eternamente as condições da sua própria existência”, efetivando o processo de socialização, tal qual citou Durkheim (2011). Para o sociólogo, a educação, na qualidade de meio para tal, manifesta-se de maneira formal e informal.

De acordo com Weiss e Soares (2021), a educação formal diz respeito às instituições legitimadas a esse fim, marcadas pela concretização de atividades que intencionam, nas crianças, a aquisição dos princípios, ritos de passagem, conteúdos e normas valorosas para a determinada sociedade, dependendo da localidade, comunidade e tempo histórico.

Na informal, embora também haja intencionalidade na transmissão de conhecimentos percebidos como essenciais, não são formalizadas para esse

objetivo. Podem caracterizar-se por relações mais íntimas, marcadas por afetos, como no seio da família, religião, movimento social, ao apresentar a fala, leitura, escrita, solidariedade, dentre outras funções. Logo, o conceito e sua prática fazem-se presentes como resultado dessas relações entre si.

Cabe ressaltar que, tanto na formal quanto informal, os indivíduos ocupam posições ativas e inacabadas, na medida em que aprendem e interagem entre semelhantes e ambientes frequentados. Sobre isso, Abrantes (2011) considera um erro conceber a socialização, em sua totalidade, como uma imposição, controlando as pessoas a seu bel prazer, simplesmente. Conforme a definiu, é o:

processo de constituição dos indivíduos e das sociedades, através das interações, atividades e práticas sociais, regulado por emoções, relações de poder e projetos identitários-biográficos, numa dialética entre organismos biológicos e contextos socioculturais.

Portanto, observa-se que compreender o processo de socialização é fundamental para conhecer os indivíduos e as sociedades. Com isso, é sabido que as experiências dos indivíduos, incluindo as relações e seus resultados, de forma consciente ou não, dependem da capacidade (e disposição) de interpretar e interpelar o social. Para Abrantes (2011), “Esta reflexão está organizada em cinco campos centrais de produção do processo de socialização: os ciclos de vida; as práticas sociais; as relações de poder; as identidades e biografias; e as emoções.”

Ao atentar para a importância de uma profunda reflexão sobre a apreensão individual do mundo social, ao passo que as trajetórias individuais devem ser consideradas nessas análises, Lahire (2015) compreende:

quadros (universo, instâncias, instituições), as modalidades (maneiras, formas, técnicas etc.), os tempos (momento em um percurso individual, duração das ações socializadoras, grau de intensidade e ritmo dessas ações) e os efeitos (disposições a acreditar, a sentir, a julgar, a se representar, a agir, mais ou menos duradouras) de socialização.

Para além de sua definição, o autor ressalta sobre as experiências socializadoras individuais, enquanto distintas, como processos heterogêneos essenciais na interiorização, no pensar e agir, podendo tanto potencializar quanto desfavorecer disposições em determinadas realidades. Os indivíduos, seus contextos e interesses pessoais, sendo semelhantes, contraditórios, diversos e conflituosos. Nesse sentido, adaptando a fala de Berman (1986) para a discussão, a coletividade sendo uma “unidade paradoxal, uma unidade de desunidade”.

Mediante a essa perspectiva, é compreensível a importância de estudos interdisciplinares para que se alcance uma consciência mais completa da atuação da escola na realização da socialização em diferentes contextos. Dessa forma, os estudos sociológicos demonstram ser propositores de ideias pragmáticas e empíricas, manifestando-se para além dos processos de letramento e cognição. Nasceram e se constroem à medida que o “saber” se torna valor em si, na necessidade de compreender as nuances entre os atores, memórias e suas dinâmicas nas relações sociais.

Contudo, segundo Miranda (1989), ao abordar sobre alguns problemas escolares no Brasil, como violência, rivalidade, descompromisso, autoritarismo, defende que “é preciso repensar e recriar os processos de internalização e seus veículos sociais ou, mais precisamente, a metodologia de ensino, as normas disciplinares, os processos de sedução e coação, etc.”, a fim de superar os desafios.

Por fim, nota-se que, sejam perspectivas clássicas ou mais atuais, a socialização é compreendida como um processo ininterrupto, durante a vida toda, em que os indivíduos internalizam normas, valores morais, construções cognitivas e sociais, e adquirindo diferentes papéis, conscientes ou não, percebidos como essenciais para a manutenção das ideais da sociedade em dado período. Assim, as pessoas ocupam funções ativas, através das interações, interpretando e compartilhando as mensagens entre seus semelhantes e demais coletividades.

### **3. Metodologia**

Devido a complexidade dos conceitos e práticas da Aprendizagem Cooperativa e Solidária (ACS) e da Socialização, a presente pesquisa tem caráter investigativo e descritivo, propondo “ampliar o conhecimento do pesquisador acerca de fenômenos ainda pouco conhecidos” (GIL, 2008, p. 114), considerando os objetivos indicados para o mesmo e entendendo que o estudo propicia diferentes interpretações das visões dos próprios atores, ao longo do trajeto.

Ao buscar um aprofundamento de compreensões de “certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social” (HAGUETTE, 1997, p. 63) e enfatizar suas especificidades, considera-se que a

abordagem do método qualitativo seja o ideal, pois também facilita a compreensão dos problemas através de interpretações e análises dos valores e comportamentos dos elementos envolvidos no contexto da ação pedagógica.

Para tanto, a tipologia utilizada no presente artigo enquadra-se no estudo de caso como base metodológica, pelo fato de a pesquisa ter se debruçado em analisar um único caso, cujas características apresentam-se pelos fatores contextuais, os quais os sujeitos estão envolvidos.

No que diz respeito às técnicas de coleta de dados, a entrevista foi a escolhida, enquanto interação social entre as partes, a qual o entrevistador intenciona obter informações por parte do entrevistado, mostrando a relevância de estudo de caso, na busca do mais próximo de seu real. Para isso, optou-se pela modalidade de entrevistas estruturadas, ou “dirigidas/padronizadas”, como diz Thiollent (1980, p.35). Para o autor, consistem “na aplicação de um questionário pre-determinado com uma maioria de perguntas fechadas”, conforme a problemática central manda. Além disso, procurou-se também adaptar a flexibilidade da estrutura semiestruturada, conferindo aos respondentes “liberdade de expressão” (LEÃO; CIASCA; VIANA, 2020), ao responder o questionário apresentado.

Os chamados facilitadores e estudantes, enquanto público alvo das questões, incluídos no roteiro de entrevistas, assumiram sua função de “informantes”, como menciona Haguette (1997), havendo a participação livre e sem pressão, consentindo formalmente com a pesquisa, a qual foi garantido o anonimato, mediante a assinatura, por parte de si ou por responsável legal, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

No que diz respeito aos ambientes das entrevistas, formas de captação e armazenamento das respostas propriamente ditas, foram realizadas na residência do informante, escola, trabalho e à distância, por intermédio de plataforma digital, utilizando ferramenta de gravador de voz e mídias sociais. Percebe-se que “a realidade social pode ser representada de maneiras informais ou formais de comunicar e que o meio de comunicação pode ser composto de textos, imagens ou materiais sonoros” (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002, p. 22).

Portanto, é entendível que os dados qualitativos, enquanto componentes centrais da investigação, podem ser gerados, coletados e interpretados sob

determinadas estratégias, delineamentos bem estruturados na pesquisa, requerendo um olhar atento, sensível, intelectualmente honesto e etc.

A análise estratégica dos dados fornecidos pela entrevista, na abordagem qualitativa, mostra-se imprescindível para a construção de conhecimento. Segundo GASKELL (2002), funciona:

para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes e o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação.

Logo, reforçando o papel, inclusive, da escolha metodológica como estudo de caso, uma vez que o observador descobre que existem perspectivas, determinadas dinâmicas, ou pontos de vista, para além do fato em si, no dado contexto de ensino - aprendizagem.

Este artigo tem como problemática norteadora: “De que forma os processos de socialização manifestam-se em dinâmicas utilizando o método da Aprendizagem Cooperativa e Solidária, no projeto Escolinha do PRECE?”.

Para isso, a amostragem das entrevistas foram compostas pelas mesmas seis (6) perguntas direcionadas aos quatro (4) participantes voluntários, enquanto estão / estavam ativos na iniciativa, entre dois (2) facilitadores, sendo: um estudante de Agronomia, 21 anos, de gênero masculino, atuante por três semestres, com contato prévio com a Aprendizagem Cooperativa e Solidária (ACS), por meio da Escola Popular Cooperativa de Pentecoste (EPC-Pe), do movimento Prece, e uma Historiadora, com contato anterior com a ACS, por meio do ensino médio na EEEP Alan Pinho Tabosa, EPC-Pe e coordenadora e facilitadora do projeto há três anos; e dois (2) estudantes, que são: uma estudante de ensino fundamental, de gênero feminino, 15 anos, sem contato anterior com o método da Aprendizagem Cooperativa e Solidária, atuando por três meses, e um estudante de ensino fundamental, com gênero masculino, 15 anos, durante um semestre, sem contato prévio com ACS e com contato posterior ao projeto Escolinha do PRECE, através do ensino médio, na EEEP Alan Pinho Tabosa.

Os sujeitos colaboradores das entrevistas foram referidos com codinomes, com base em suas funções desempenhadas no projeto pedagógico, seja de facilitador

ou estudante, seguido pelo número um (1) ou dois (2), de forma a manter suas identidades sob sigilo.

Através da problemática apresentada, pretende-se responder ao seguinte objetivo geral: Observar, compreender e analisar a forma como os processos de socialização manifestam-se em dinâmicas utilizando o método da Aprendizagem Cooperativa e Solidária no projeto Escolinha do PRECE.

Para o professor Amilton Quintela (2021), os objetivos específicos são “como etapas pra você alcançar o seu objetivo geral”. Com isso, as etapas do trabalho têm como finalidades: Conceituar o método didático - pedagógico Aprendizagem Cooperativa e Solidária (ACS); Conceituar o processo de socialização em contexto escolar; Apresentar a relação entre os conceitos mencionados no projeto Escolinha do PRECE; Analisar as características dos impactos advindos das associações entre o processo de socialização e o método Aprendizagem Cooperativa e Solidária, no projeto Escolinha do PRECE.

Para tanto, quanto a natureza do presente artigo científico e sua relação com a problemática da pesquisa, cabe ressaltar um exercício de localização, identificação e compreensão do objeto de estudo, os ambientes de suas práticas, os participantes diretos nas realizações das atividades e quais os seus objetivos.

O projeto Escolinha do PRECE – Programa de Educação em Células Cooperativas é uma iniciativa do Movimento PRECE em parceria com a Escola Estadual de Educação Profissional - EEEP Alan Pinho Tabosa. Através desta parceria, o movimento (2023) entende que:

a EEEP Alan Pinho Tabosa oferece a expertise de seus estudantes e o seu espaço físico, e o PRECE tem a oportunidade de a partir da metodologia da Aprendizagem Cooperativa e Solidária contribuir para melhoria da qualidade de ensino das crianças ao entorno da escola e da comunidade do Cipó, ambos no município de Pentecoste, Ceará. Seus objetivos incluem promover o desempenho acadêmico com equidade, formar líderes cooperativos e solidários e contribuir para o bem-estar socioemocional de seus alunos e da comunidade.

Na sequência, é demonstrado que, por volta de 2005, o movimento PRECE já atuava na facilitação da entrada de jovens no ensino superior. “(...) Neste ano, alguns facilitadores foram desafiados a trabalharem com a metodologia de aprendizagem cooperativa e solidária com crianças do ensino fundamental do 1º ano ao 9º ano (06 a 15 anos de idade)” (Escolinha do PRECE, 2023, p. 1), enquanto primeira versão, chamada Estudante Ativo. Posteriormente, passou-se a chamar de Projeto Estudante

Cooperativo. E “Em 2022, foram cerca de 20 facilitadores e 120 crianças que frequentaram a Escola Alan Pinho Tabosa, além de 30 crianças na comunidade do Cipó. Neste ano (2023) são esperados os mesmos números de crianças e jovens.” (Escolinha do PRECE, 2023).

Com a sua prática metodológica, independentemente de onde atue, a Aprendizagem Cooperativa e Solidária tem como base três princípios fundamentais, os quais são nomeados “Cooperação, Solidariedade e Liderança Estudantil” (PRECE, 2023), ocupando papéis essenciais nas formações e consolidações dos processos de socialização nos indivíduos atuantes. Segundo Bodart (2019) “socialização dar-se como processo de educação dos indivíduos”, evidenciando sua relação intrínseca com o nosso objeto estudado.

#### **4. Resultados: análise dos dados na relação com as concepções teóricas**

A observação e análise dos resultados desta pesquisa, cujo intuito foi responder a pergunta – problema: “De que forma os processos de socialização manifestam-se em dinâmicas utilizando o método da Aprendizagem Cooperativa e Solidária, no projeto Escolinha do PRECE?”, inicia-se com as informações coletadas da pesquisa teórica e investigação das práticas advindas das experiências dos entrevistados, pois buscou-se captar a realidade do projeto, sob a proposta do método de ensino - aprendizagem no contexto educacional e, em seguida, relacionar essas informações.

São demonstrados como pontos de reflexão e análise os seguintes tópicos: Tópico I – Concepções e diferenciação da Aprendizagem Cooperativa e Solidária (ACS) em meio aos métodos tradicionais; Tópico II – Relações entre facilitadores e estudantes através do método da Aprendizagem Cooperativa e Solidária (ACS); Tópico III – Aplicabilidade do método da Aprendizagem Cooperativa e Solidária (ACS) nas interações entre as Células de Aprendizagem; Tópico IV – Funções dos estudantes para a efetivação dos objetivos, baseados na interação Socialização - Aprendizagem Cooperativa e Solidária; Tópico V – Vantagens e desvantagens na prática da ACS e processo de Socialização; Tópico VI – Percepção de dinâmicas de socialização nas atividades do projeto Escolinha do PRECE.

## **Tópico I – Concepções e diferenciação da Aprendizagem Cooperativa e Solidária (ACS) em meio aos métodos tradicionais**

A questão observada objetivou compreender as interpretações dos entrevistados acerca da abordagem da Aprendizagem Cooperativa e Solidária e sua(s) diferença(s) às comumente utilizadas no ensino convencional. Sobre esta, a facilitadora 2 compreende que “no modelo de educação convencional, é sempre (ou na maioria das vezes) o professor como detentor do conhecimento”. Para ela, o ensino convencional atribui, aos alunos, uma função passiva no aprendizado, mas na ACS, eles são “agentes de transformação” e “(...) começa a mostrar que ele, por si só, consegue pesquisar, que consegue aprender”. O estudante 2 concorda, a medida em que destaca a importância das “diferentes opiniões que nós (alunos) podemos ter de diferentes assuntos”.

A estudante 1 comentou que, na escola tradicional, a “maioria não tem muita paciência para explicar de forma clara para os alunos”, referindo-se aos educadores e a esse modelo, demonstrando certa insatisfação. E o facilitador 1 entende que:

A aprendizagem cooperativa diferencia-se da abordagem tradicional através da formação de grupos, entrosados e dispostos a ajudar os indivíduos entre si, assim as dúvidas são compartilhadas e os problemas superados. Em grupos menores, as pessoas podem se sentir mais confortáveis para expor as dúvidas sobre os assuntos e assim ser mais efetivo o processo de aprendizagem.

Assim, é evidente a importância de incentivar as habilidades sociais para o desenvolvimento de valores e atitudes cooperativas e proativas, desde em espaços educativos formais e informais, às famílias e comunidades. Para tanto, educadores capazes de facilitar os processos, aprendendo com os mesmos. Desta forma, é essencial inculcar e desenvolver nas crianças “competências que lhes possibilitem trabalhar em equipa, intervir de forma autónoma e crítica e resolver problemas” (LOPES & SILVA, 2009, p. IX).

## **Tópico II – Relações entre facilitadores e estudantes, através do método da Aprendizagem Cooperativa e Solidária (ACS)**

Objetiva-se avaliar o funcionamento da proposta da Aprendizagem Cooperativa e Solidária, no que tange a parceria professor – estudante no projeto Escolinha do PRECE. De acordo com as falas: “(...) se você não está entendendo, eles tentam te ajudar (de certa forma), você pode tirar qualquer dúvida e isso é bem

bom” (estudante 1) e “(...) como nós, alunos, vínhamos do ensino fundamental, de um ensino, podemos dizer, totalmente individualista, eles, facilitadores, tiveram que ter muita paciência com a gente” (estudante 2), pode-se notar uma formação de espírito de união e confiança entre facilitadores e estudantes, o qual o educador tem o papel de ouvir as demandas dos alunos e mediar o todo.

O facilitador 1 entende que a “questão dos facilitadores é caracterizada pela transmissão dos conhecimentos e conceitos previamente aprendidos, baseado no que é aprendido no período de estudos”. A facilitadora 2 destaca que essa relação “(...) está em uma linha reta, de igual para igual, os estudantes e eu, compartilhando conhecimento, eu aprendendo com eles e eles aprendendo comigo, e eu sendo um dos agentes para que eles consigam aprender”. A mesma afirma que, nesse método, o facilitador tem “aliados, dentro da sala ou em qualquer espaço, você tem aliados, não sendo mais só você por você, mas você por eles e eles por você.”

No que se refere às visões dos colaboradores, evidencia-se uma proximidade com o que Cunha e Uva (2016, p. 140) observaram, segundo a qual “O educador / professor deve propor atividades que permitam às crianças imaginar, adivinhar, construir ou inventar.” Os facilitadores têm como um dos desafios cativar os estudantes e, os mesmos, devem estar atentos e serem solidários e protagonistas para executarem e concluírem o que foi proposto, de forma menos hierarquizada.

### **Tópico III – Aplicabilidade do método da Aprendizagem Cooperativa e Solidária (ACS) nas interações entre as Células de Aprendizagem**

Cabe a esta passagem entender e caracterizar a maneira que o método cooperativo atua nas relações entre os membros dos grupos de aprendizagem. O facilitador 1 acredita que “estudando de forma cooperativa é possível aprender a respeitar o outro, pois existe um compromisso, não somente consigo, mas com os demais colegas”, o que o estudante 2 acrescenta em “(...) a gente via muito isso na escola, tanto na nossa célula como fora da nossa sala de aula”.

Todavia, nem sempre o compromisso é mútuo e concretizado, seja por possíveis conflitos entre as pessoas, visto que “(...) existem divergências e convergências” (facilitador 1), desinteresses para com a proposta lançada, alguém que “(...) não está bem, emocionalmente... dependendo da abertura que a pessoa dar a você” (facilitadora 2), dentre outras possibilidades. A estudante 1, por exemplo,

destaca que houve experiências negativas, as quais “(...) as pessoas queriam muito se apoiar em mim, por que eu era a única que estava me esforçando mais para aprender, me dedicava mais, fazia mais atividades e não via muito interesse em algumas pessoas.”

Evidencia-se a importância de habilidades sociais como a responsabilidade individual e gestão de conflitos, uma vez que, como menciona Arends (1997, p. 384) “a aprendizagem cooperativa caracteriza-se pela utilização de processos democráticos; os alunos assumem um papel ativo e responsabilizam-se pela sua própria aprendizagem”, podendo eles próprios, mais autônomos, tentarem resolver os transtornos, vistos como esperados. Portanto, ao concluir sobre essas dinâmicas nas relações, a facilitadora 2 interpreta que:

Na maioria das vezes desperta um sentimento de liderança consciente, cooperativa, empática, que não está preocupado só com os próprios problemas, mas também com os que estão ao redor. Para mim, é esse um dos principais pontos, é despertar esse sentimento de liderança. E não só. Quando começa a falar, a explicar, se expressar, automaticamente você começa a melhorar, como um músculo, ao se desenvolver por meio de treino.

Logo, percebe-se que são atitudes incentivadas, construídas e desenvolvidas, ao longo dos percursos individuais e coletivos, sendo necessário que haja sentimento de pertença àqueles trabalhos, células e aos seus devidos objetivos para que se alcance as metas coletivas.

#### **Tópico IV – Funções dos estudantes para a efetivação dos objetivos, baseados na interação Socialização - Aprendizagem Cooperativa e Solidária (ACS)**

Pretende-se descrever quais as funções distribuídas entre os alunos para o andamento das atividades, com base no conceito de socialização e ACS. Conforme citou o facilitador 1 “as funções dos alunos eram, basicamente, discutirem os temas abordados, refletir sobre os conceitos e praticar atividades para a fixação”. Através do método “(...) o processo de aprendizagem é compartilhado entre os estudantes, buscando o desenvolvimento cognitivo e social do aluno” (MATOS, 2018 citando JOHNSON e JOHNSON, 2008).

Entretanto, para a efetivação das ideias, são essenciais a atribuição de cargos especiais aos membros das células cooperativas de aprendizagem, normalmente compostas por três (3) componentes. Como mencionado pela estudante 1 “(...) muito importante para as atividades saírem como planejado” e reforçado pelo estudante 2

“(...) para mim, era uma *besteira*, mas, com o tempo, eu percebi sua importância, por que um trabalho em grupo tem que ser organizado e esse trabalho só é organizado por conta dessas funções”.

Segundo a facilitadora 2, os cargos podem aumentar, dependendo da ideias do facilitador, mas os mais frequentes são: “Coordenador de Célula”, o qual “é a pessoa que fica responsável por estar coordenando o trabalho entre os outros membros... por estar em contato direto com o professor “; “Guardião do Tempo”, sendo orientado a “estar cronometrando... decide quanto tempo vai dar para cada atividade”; e “Relator”, que “fica relatando tudo o que está acontecendo na célula, então ele fica responsável por fazer, por exemplo, o *feedback* escrito para o professor, onde a célula, no final das atividades, falam o “que bom, que tal e que pena: o que foi bom, o que pode melhorar e o que pena que aconteceu”.

Em suma, as respostas mostram a existência de um diálogo direto entre processos socializadores e a Aprendizagem Cooperativa e Solidária aplicada no Escolinha do PRECE. Miranda (1989, p. 134) constata:

Na escola, a criança vive um processo de socialização qualitativamente distinto, passando a internalizar novos conteúdos, padrões de comportamento e valores sociais. Será submetida a novos processos de internalização da realidade social, pela mediação de novos veículos sociais.

Assim, as ideias e aulas induzem à promoção de integração social, preparação para jovens protagonistas e líderes solidários em suas comunidades, contribuindo na formação de cidadãos mais conscientes e responsáveis sob diferentes contextos, ininterruptamente.

## **Tópico V – Vantagens e desvantagens na prática da ACS e processo de Socialização**

Este tema questão expõe as vantagens e desvantagens do método didático-pedagógico em conformidade com práticas socializadoras no projeto Escolinha do PRECE. Para Paiva et al (2016, p. 152, citada por Torres e Gonçalves, 2019, p. 7-8), relata “(...) o desenvolvimento da autonomia do aluno... o trabalho em equipe, a integração entre teoria e prática, o desenvolvimento de uma visão crítica da realidade e o favorecimento de uma avaliação formativa”. Concordando com os exemplos destacados, a facilitadora 2 destaca “(...) o desenvolvimento da argumentação, da oratória, o desenvolvimento da liderança cooperativa e solidária, o

autoconhecimento...”. A mesma percebe a importância das relações interpessoais, priorizando competências de interdependência positiva nos grupos envolvidos.

Nesse sentido, a estudante 1 aponta que “(...) aprende muito a socializar e conviver com pessoas que você pode ter uma barreira, mas mesmo assim uma hora ou outra você vai ter que estar perto daquela pessoa”, visão essa que corrobora com a noção sobre as desvantagens, citada pelo estudante 2, ao afirmar que “são as próprias vantagens, já que, muitas das vezes, a gente tem que entrar em um consenso das opiniões para só uma resposta”, podendo causar conflitos. Sobre isso, o movimento PRECE comenta:

os estudantes são desafiados com tarefas individuais para estimar a participação e a responsabilidade de cada estudante, recebem atividades coletivas com metas coletivas bem claras para estimular as competências cooperativas, estimular a compreensão da importância uns dos outros e a interação para gerar aprendizado. (site do Movimento PRECE)

Com isso, compreende-se “(...) a relação que desenvolvemos com pessoas que já estão em outros patamares” (facilitador 1) favorável para compartilhar ideias e sanar dúvidas entre os alunos e / ou professores e alunos, embora possa impulsionar “conversas paralelas... dificultando a conclusão do planejamento.” (facilitador 1). Sobre isso, Gonçalves e Torres (2019, p. 8-9, citando Freire, 2003, p.124) complementa que “(...) não é uma situação na qual podemos fazer tudo o que queremos. Isto é, ele tem limites e contradições que condicionam o que podemos fazer... o diálogo implica em responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina, objetivos”, podendo ser encarados como obstáculos/desafios, não sendo encarados como desvantagens, necessariamente.

Ao concluir, notam-se benefícios e malefícios como resultado do método ativo/cooperativo, apontando os sujeitos envolvidos, e suas características, importantes para o bom/mal funcionamento das atividades.

## **Tópico VI – Percepção de dinâmicas de socialização nas atividades do projeto Escolinha do PRECE**

Ao realizar as entrevistas com uma pergunta relativa às percepções de influências e dinâmicas advindas de processos de socialização na educação, tencionou-se conhecer as interpretações dos agentes ativos do projeto e analisar as variáveis individuais e coletivas dos mesmos. Para tanto, o estudante 2 ressaltou as

“(...) atividades que a escola proporcionava, como aula de campo, trabalhos em grupo, em casa... são muito importantes”, referindo-se aos ambientes para as aprendizagens utilizados, estrategicamente, para determinados fins. Além disso, a estudante 1 também destaca as práticas socializadoras “(...) nas Células, tanto de conviver como de conversar, perguntar, ajudar pessoas de outras células e acaba sendo todo um trabalho em grupo, da sala toda”, mostrando o papel central da ACS.

Tal qual compreende de Silva (2017), a socialização “(...) é a construção do ser social, feita em boa parte pela educação; é a percepção do ser humano de uma sucessão de normas e princípios, sejam morais, religiosos ou de comportamento, que indica a conduta do indivíduo num grupo”. Para a concretização desses apontamentos, o facilitador 1, expressa as influências nesses processos, de forma micro, inicialmente, e em macro espaços sociais, por conseguinte, ao “(...) trabalhar a fala, a elaboração de um raciocínio lógico para apresentar conceitos a equipe, respeito a fala do outro, entrosamento social entre os membros do grupo e percepção de que é possível alcançar outros patamares observando os demais colegas.”

A facilitadora 2 nomeou e conceituou os “Grupos Heterogêneos”, enquanto principal dinâmica concernente à Socialização. Conforme afirmou, são:

(...) grupos com pessoas diferentes, que têm vivências diferentes, que têm aprendizagens diferentes, então você pega uma pessoa mais calada, outra que fala muito, outro que é mais centrado, coloca todo mundo no mesmo grupo. Eles vão precisar socializar para um aprender o que o outro aprendeu, elas vão treinar as Habilidades Sociais ali dentro (dos grupos heterogêneos), eles vão treinar oralidade, por que vão estar falando sobre o conteúdo... de certa forma, eles sabem que, se eles não conseguirem fazer essa socialização, o rendimento do grupo vai ser baixo.

A partir do que foi exposto, o projeto Escolinha do PRECE, com base no que se entende sobre processos de Socialização e Aprendizagem Cooperativa e Solidária, demonstra ser um espaço de integração social, levando aprendizados no que diz respeito à valores e comportamentos esperados para cidadãos solidários, com senso crítico apurado, na construção de protagonistas nos seus devidos contextos, e etc. Quanto aos informantes, notam-se, principalmente, respostas com interpretações semelhantes e, de certa maneira, complementares, mesmo ocupando posições diferentes, no que tange às atribuições das ações e responsabilidades.

De acordo com a análise dos dados coletados das entrevistas com os colaboradores do objeto de pesquisa, resulta a compreensão de que, por intermédio da metodologia de Aprendizagem Cooperativa e Solidária, é possível fomentar

processos de Socialização, desenvolvendo capacidades sociais essenciais, tanto a nível individual como para com os participantes das células de aprendizagem ao entorno, em suas famílias e, finalmente, nas determinadas comunidades e sociedade como um todo, respectivamente.

#### **4. Considerações Finais**

A presente pesquisa ressaltou a importância de “observar, analisar e compreender a forma como os processos de socialização manifestam-se em dinâmicas utilizando o método da Aprendizagem Cooperativa e Solidária, no projeto Escolinha do PRECE”, refletindo sobre o papel da aplicação do método na socialização dos sujeitos que integram o projeto. Com base nos resultados encontrados, verificou-se que o objetivo geral proposto foi alcançado.

No tocante ao presente estudo de caso, através das respostas das entrevistas qualitativas com quatro informantes (dois facilitadores e dois estudantes), dentre os principais achados, tem-se que as interações interpessoais, incentivadas pelo método cooperativo, independentemente das devidas funções, indicam a construção de laços afetivos, de autoestima, aumentando o sentimento de pertença nas atividades e preparando os jovens para integrar a sociedade, atuando como agentes individuais e colaborativos, nos processos socializadores.

Destacam-se, também, que as práticas do método Aprendizagem Cooperativa e Solidária, desincentiva eventuais comportamentos baseados no egoísmo, desrespeito, competitividade, violência, oferecendo, em contrapartida, como por exemplo, a promoção de relações socioemocionais saudáveis, empáticas, gestão de conflitos, etc., sendo então, habilidades sociais imprescindíveis para mentes equilibradas em meio ao dinamismo social.

Portanto, em relação aos principais resultados, a partir das respostas dos entrevistados, ressaltou-se os processos de socialização, em contexto educacional, como atuantes no desenvolvimento do ensino–aprendizagem e fortalecimento de atribuições sociais e cognitivas, também sob as perspectivas das juventudes. Nesse sentido, é compreensível entender esse conceito, e sua prática, como responsável

por produzir sujeitos sociais mediante à educação, adequando às normas e princípios éticos e morais impostos na sociedade.

Ademais, os achados desta pesquisa oferecem evidências sobre a eficácia de abordagens metodológicas ativas, em ambientes escolares, enquanto estratégias pedagógicas em que se busca estimular a autopercepção entre professores e estudantes de que todos são responsáveis pela construção do conhecimento, conferindo, aos professores, funções mediadoras, as quais orientam os estudantes a “aprender a aprender”, na busca do saber.

Igualmente referente às contribuições teóricas e práticas, compreende-se a presente pesquisa na categoria de estudos que apresentam e discutem as relações entre as dinâmicas de socialização e o método da Aprendizagem Cooperativa e Solidária, em um projeto educacional. Portanto, tanto avança nos conhecimentos dessas temáticas e conceitos, a partir de pesquisas realizadas anteriormente, quanto demonstra suas potencialidades no que tange à tomada de decisão por parte de corpo docente e gestor para a aplicabilidade do método cooperativo em diferentes cenários, no ensino formal e informal.

Acerca da noção de que não existe pesquisa científica isenta de limitações, tampouco acabada quanto ao universo de possibilidades de trabalhos sobre a educação e os indivíduos em sociedade, o estudo apontou para restrições metodológicas, as quais a amostragem dos colaboradores não pôde ser mais abrangente, devido a limitação de espaço e tempo disponíveis, assim como o fato do projeto Escolinha do PRECE estar em recesso, o que impossibilitou a concretização da pesquisa-ação e dificultou a coleta de dados, uma vez que foi necessário entrevistar de maneira on-line também, utilizando as redes sociais.

Posto isso, em relação às futuras investigações, sugere-se que, sobre as abordagens e procedimentos científicos, possa haver entrevistas com amostras maiores e a efetivação de observação-participante, por exemplo, possibilitando um maior aprofundamento do pesquisador a respeito das atividades propostas, suas execuções e resultados, bem como aumentar o arcabouço de comparações e interpretações possíveis, podendo, inclusive, utilizar a combinação entre abordagem quantitativa e qualitativa.

Por fim, ao refletir sobre os caminhos percorridos, ao produzir o artigo, entende-se que a presente pesquisa não tem a intenção de ser conclusiva, de forma

atemporal, mas formadora de mentes mais conscientes e críticas de suas próprias realidades, bem como possíveis promotoras de mudanças positivas às mesmas.

## Referências

**Licenciatura em Sociologia. Perfil do Egresso (UNILAB).** (do site: <https://unilab.edu.br/sociologia-l> )

ESTRELA, E. **Aprendizagem Cooperativa: Uma experiência em uma escola pública no município de Jardim.** (Tese Mestrado) (do site: <https://www.movimentoprece.org/publicacoes> ), 2016.

LOPES, Elton Luz. **PRECE - Programa de educação em células cooperativas: uma estratégia de educação para a autonomia.** Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

**Secretaria da Educação do Ceará (SEDUC-CE).** (do site: <https://www.ced.seduc.ce.gov.br>)

TORRES, Ana Carolina Silva; GONÇALVES, Danyelle Nilin. **Metodologias ativas no ensino de Sociologia: Por uma aprendizagem significativa.** In: Anais do VI Congresso Nacional de Educação. Fortaleza. 2019.

Curso de formação inicial em célula estudantil (ed.2022.1). **Princípios da Aprendizagem Cooperativa.** (do site: Ambiente Virtual de Aprendizagem da UFCA)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ARENDS, R. I. **Aprender A Ensinar.** Alfragide: Editora McGraw- Hill de Portugal, 1997.

JOHNSON, D. W., & JOHNSON, R.. **Teaching Students To Be Peacemakers.** 4 ed. Edina, MN: Interaction Book Company, 2005.

CUNHA, Fabiana; UVA, Marta (2016). **A aprendizagem cooperativa: perspectivas de docentes e crianças.** (do site: <http://www.eses.pt/interaccoes> )

**Movimento PRECE. Escola do PRECE.** (do site: <https://www.movimentoprece.org/math>)

ANDRADE, Manoel. **O processamento de grupo.** A aprendizagem cooperativa e solidária. (do Youtube: <https://youtu.be/mMSmCUqdQcs?si=1Nn9Ya97YmW2nClb>), 2020.

QUINTELA, Amilton. **TCC: por onde começar? Objetivos gerais e específicos?**. TCC sem drama. (do YouTube: [https://youtu.be/Pj\\_F8VT5KEY?si=RNVliv885XnRVUVy](https://youtu.be/Pj_F8VT5KEY?si=RNVliv885XnRVUVy) ), 2021.

MATOS, Catarina. (2018) **Aprendizagem Cooperativa em sala de aula na EEEP Alan Pinho Tabosa -CE e sua relação com uma cultura de paz, sob a ótica das juventudes**. (do site <https://www.movimentopreco.org/publicacoes>)

LEÃO, D. S. S., CIASCA, M. I. F. L., & VIEIRA, H. R. (2020). **A parceria professor-estudante na proposta da aprendizagem cooperativa**. Revista De Instrumentos, Modelos E Políticas Em Avaliação Educacional, 1(3), e020017. <https://doi.org/10.51281/impa.e02001> - (do site <https://www.movimentopreco.org/publicacoes>)

LOPES, J. & SILVA, H. S. (2009). **A Aprendizagem Cooperativa Na Sala De Aula - Um Guia Prático Para o Professor**. Lisboa: Lidel, 2009

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 17.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

DURKHEIM, Émile. **Durkheim, educação e sociologia**. Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 124-131, jan.-jun. 2016.

DURKEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

DA SILVA, Patrícia Andrade; TIMBÓ, Raimunda Cid. **O papel da escola no processo da socialização na educação infantil**. Revista PLUS FRJ: Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde, ISSN – 2525-4014, 2017.

BODART, Cristiano. **Socialização: O que é?**. Café com Sociologia. 2019. (do site: <https://cafecomsociologia.com/socializacao>)

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MIRANDA, Marília G.; ANDERY, Alberto A.; NETO, Alfredo N.; CIAMPA, Antonio da C.; CARONE, Iray; LIBÂNEO, José C.; REIS, José R. T.; LANE, Sílvia T. M.; CODO, Wanderley. **Psicologia Social: o homem em movimento**. 8ª ed. Brasiliense, 1989.

WEISS, Raquel A.; SOARES, Rhuany A. R. **A educação como socialização em Émile Durkheim**. v. 28, n. 1, Passo Fundo, p. 13 – 33, 2021. (do site: [www.upf.br/seer/index.php/rep](http://www.upf.br/seer/index.php/rep))

BORSA, Juliane Callegaro. **O papel da escola no processo de socialização infantil**. Rio Grande do Sul, p. A0351, 2007.

ABRANTES, Pedro. **Para um teoria da socialização**. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXI, p. 121-139, 2011.

LAHIRE, Bernard. **A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1393-1404, 2015. (<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201508141651>)

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 4ª. Edição, Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

THIOLLENT, Michel. **O processo de entrevista. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**, 1980.

BAUER, Martin W.; GASKELL G; ALLUM, Nicholas C.. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. Entrevistas individuais e grupais**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PAIVA, Marlla Rúbya Ferreira et al. **Metodologias ativas de ensino aprendizagem: Revisão Integrativa**. In: SANARE, Sobral, V. 15, n. 2, p. 1445-153, jun/dez, 2016.